

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA CIDADE DE LAGUNA¹

Maria Laura Sebastião², Danielle Benício³, Ivie Mesquita⁴, Letícia de Jesus⁵

¹ Vinculado à pesquisa "O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matriz africana na cidade lagunense"

² Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - Bolsista Pivic - marialaura0426@hotmail.com

³ Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - daniellebenicio@gmail.com

⁴ Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - Bolsista Pivic - iviemesquita@gmail.com

⁵ Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - Bolsista Pivic - leticiadaje2@gmail.com

Esta ação de iniciação científica começou em agosto de 2019 e finalizará em julho de 2021, com as voluntárias Ivie Mesquita, Letícia de Jesus e Maria Laura Sebastião, vinculadas ao *Laboratório de Arquitetura - Teorias, Memórias e Histórias (Artemis)*. Tal ação integra a pesquisa *O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matriz africana na cidade lagunense*, que visa o reconhecimento de tais espaços sagrados. Decorrente deste objetivo geral, este resumo consiste na apresentação dos resultados preliminares dos seguintes objetivos específicos: construir um breve histórico acerca de origem, chegada e instância, bem como de continuidade mais ou menos renitente dessas religiões na mesma cidade; e contribuir para a visibilidade e a preservação, o respeito e a valorização, da manifestação ritualística e espacial das citadas religiões na Laguna.

A execução desses objetivos exige como procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica e iconográfica (sobre história do tempo presente, preservação do patrimônio, legislação urbanística e preservacionista; religiosidades e culturas; religiões de matriz africana no Brasil, focados e/ou articulados na Umbanda; simbologia religiosa, espaço sagrado e a "in"visibilidade do visível; e Laguna, história da cidade, presença afrodescendente e população escravizada, circunstanciada no panorama brasileiro e catarinense); e o levantamento de dados *in loco*, incluindo primeiramente a identificação dos espaços sagrados das religiões de matriz africana no espaço urbano lagunense e, em seguida, o inventário (por meio de observações, com anotações e croquis; e de preenchimento de ficha padronizada abarcando a descrição da obra e do seu estado de conservação), acompanhado de registro fotográfico de cada um dos espaços sagrados identificados e de entrevistas. Informa-se que cada um destes espaços será visitado e observado, quando autorizado (e possível em condições sanitárias), em momentos diferentes: em datas sem atividade religiosa; em situações de feitura de rituais, sem a comparência da assistência; e durante a celebração de cultos, com a participação da assistência. Com isso, será efetuada a síntese crítica dos dados, inclusive serão cotejados os resultados da pesquisa bibliográfica e iconográfica e do levantamento de dados *in loco*. Esclarece-se que até a etapa de levantamento de dados *in loco*, a pesquisa será feita em equipe; então, a partir da etapa de síntese crítica dos dados, a pesquisa será feita por cada voluntária individualmente. Ademais, instrui-se que a pesquisa já cumpriu, conforme cronograma desta ação de iniciação científica, com a mencionada etapa de revisão bibliográfica e iconográfica (neste resumo, concentrada nas religiosidades e culturas; nas religiões de matriz africana no Brasil; e na Umbanda; bem como na Laguna e na história desta cidade relacionada à presença afrodescendente e à população escravizada); atualmente, a pesquisa está em desenvolvimento, na etapa de levantamento de dados, adaptada à realidade de pandemia.

A propósito da revisão bibliográfica e iconográfica, esta ocorreu a partir da leitura individual de cada bolsista e da discussão em conjunto pela equipe. No campo das ciências da religião, são basilares os escritos de Peter Berger, Paulo Bonfatti e Roger Bastide. Quanto às articulações entre religiosidades e culturas, destacam-se os diversos títulos de Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Muniz Sodré e Reginaldo Prandi. Considerando as religiões de matriz africana no Brasil, sobressaem as numerosas obras sobre o Candomblé, especialmente na Bahia: neste caso, são referenciais Edison Carneiro, José Flávio Barros, Júlio Braga, Luis Nicolau Parés, Ordep Serra, Pierre Verger, Raul Lody e Roger Bastide. Sobre a Umbanda, especificamente na vertente da *Umbanda Sagrada*, é primordial a vasta lista dos livros de Ruben Saraceni e de seu filho de santo e discípulo Alexandre Cumino - Saraceni e Cumino descendem da tradição umbandista que perpassa por Ronaldo Linares e remonta a Zélio Fernandino de Moraes, considerado o médium fundador da Umbanda, religião criada no Brasil em 1908.

Este referencial teórico e iconográfico desvela as religiões de matriz africana compostas por uma variedade de cultos que expressam uma epistemologia fundada na ancestralidade, nas forças da natureza e no encantamento (distinta da epistemologia eurocêntrica colonizadora) em meio à afroperspectividade (derivada da parte da África da qual os negros escravizados foram sequestrados e desterritorializados) através de rituais peculiares: tradicionalmente, abrangem ritualísticas de transe mediúnico, magia (com defumação, banhos, pontos riscados, ebós) e devoção aos orixás africanos, valorizando mitologias, simbologias, línguas, cânticos e ritos de origens nagô e banto, articuladas às culturas locais. Os primeiros terreiros de Candomblé surgiram provavelmente em Salvador no século XIX, como centros de preservação das heranças africanas (perseguidas, coibidas e criminalizadas), cultuadas por negros escravizados e seus descendentes. Recorda-se, no Brasil na época, a proibição de exercício de qualquer prática religiosa que não fosse o Catolicismo. Com efeito, é possível relacionar a estruturação e a difusão de determinados cultos a regiões brasileiras, a partir das cidades portuárias mais antigas: o Candomblé na Bahia; o Xangô em Pernambuco; o Tambor de Mina no Maranhão; a Jurema do Catimbó no Norte e Nordeste; a Macumba (e suas variantes de Linha Negra, Magia Negra, Linha Cruzada e Umbanda Cruzada) no Rio de Janeiro; a Umbanda (e suas linhas Branca, Pura, Sagrada e Esotérica) em São Paulo; e a Umbanda (e suas manifestações de Nação, Batuque, Quimbanda e Almas e Angola) no Rio Grande do Sul. Tais cultos vêm sendo objeto de inventários, segundo o Decreto n. 6040, o qual institui a *Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais* (2007) e o *Guia Orientador para Mapeamentos junto aos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana* (2016).

Em Santa Catarina, os estudos sobre as religiões de matriz africana, mormente no território litorâneo (onde se situam terreiros de Candomblé e Umbanda, frequentemente de Nação e de Almas e Angola), advêm principalmente das pesquisas acadêmicas de Pós-graduação da Udesc e da UFSC. Nesse âmbito, ressaltam-se os trabalhos de Artur Isaia e Ilka Boaventura Leite.

Destarte, ratifica-se a urgência e a imprescindibilidade do desenvolvimento de pesquisas científicas acerca dos espaços negros, inclusive dos espaços sagrados, em prol da reversão do processo de invisibilização e preconceito, sobretudo das práticas de apropriação cultural (Rodney William), racismo estrutural (Sílvio Almeida) e intolerância religiosa (Sidnei Nogueira), estendendo-se aos atuais discursos neopentecostais de ódio e demonização.

Palavras-chave: Religiões de Matriz Africana. Cidade. Laguna/SC.